

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA CADEIRANTES

Allan Felipe Lima Malaquias¹

Cleberson Patrício da Silva Santos²

Jaedson Humberto Vieira da Silva Júnior³

¹ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da ASCES-UNITA

² Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da ASCES-UNITA

³ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da ASCES-UNITA

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA CADEIRANTES

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a importância das aulas de Educação Física adaptada em cadeirantes. Foram utilizados artigos científicos, publicados nas plataformas: SCIELO, BVS e Google Acadêmico, que faziam referência a importância das aulas de Educação Física Adaptada para cadeirantes. A seleção dos artigos foi feita inicialmente com a leitura dos títulos e resumos, após essa etapa, foram lidos na íntegra, sendo selecionados 14 artigos para análise. Identificou-se que a educação física adaptada foi capaz de promover benefícios sobre aspectos sociais, cognitivos, psicológicos e físicos. Embora sejam perceptíveis tais respostas positivas, os cadeirantes ainda sofrem bastante com falta de espaços adequados, além da falta de capacitação dos profissionais de Educação Física.

Palavras chaves: Educação física adaptada. Benefícios. Âmbito escolar. Qualidade de vida.

THE IMPORTANCE OF PHYSICAL EDUCATION CLASSES ADAPTED FOR WHEELCHAIR USERS

ABSTRACT

The article aims to analyze the importance of adapted Physical Education classes in wheelchair users. Scientific articles were used, published on the platforms: SCIELO, VHL and Google Academic, that made reference to them mentioned objective. The selection of the articles was done initially with the reading of the titles and abstracts, after this stage, were read in full, being selected 14 articles for analysis. It was identified that adapted physical education was able to promote benefits on social, cognitive, psychological and physical aspects. Although such positive responses are perceptible, the wheelchair users still suffer a lot with lack of adequate spaces, besides the lack of qualification of the Physical Education professionals.

Keywords: Adapted physical education. Benefits. Secondary school. Quality of life.

LA IMPORTANCIA DE LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ADAPTADA PARA SILLAS

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar la importancia de las clases de Educación Física adaptada en sillones. Se utilizaron artículos científicos, publicados en las plataformas: SCIELO, BVS y Google Académico, que hacen referencia al objetivo citado. La selección de los artículos fue hecha inicialmente con la lectura de los títulos y resúmenes, después de esa etapa, fueron leídos en su totalidad, siendo seleccionados 14 artículos para análisis. Se identificó que la educación física adaptada fue capaz de promover beneficios sobre aspectos sociales, cognitivos, psicológicos y físicos. Aunque son perceptibles tales respuestas positivas, los sillones todavía sufren bastante con falta de espacios adecuados, además de la falta de capacitación de los profesionales de Educación Física.

Palabras claves: Educación física adaptada. Beneficios. Ámbito escolar. Calidad de vida.

INTRODUÇÃO

Atualmente o número de pessoas com deficiência no país vem aumentando gradativamente, calcula-se que cerca de 23,9% da população seja deficiente (BRASIL, 2012). Os mesmos têm se deparado com diversas dificuldades que vão além das limitações físicas, como a exclusão social e psíquica. Dentro do ambiente escolar, muitas vezes essas limitações os tornam impossibilitados de participarem também das aulas de Educação Física (RAULL FELIPPE & JOÃO FRANCO, 2012).

Guiselini (1996) afirma que ao praticar atividade esportiva é possível observar benefícios como: auxílio no controle da depressão, diminuição dos níveis de estresse, maior disposição para atividades do dia-a-dia, estruturação na autoimagem, entre outros. Matsudo e Matsudo (2006) ampliam esses benefícios apresentando que a prática de atividade física, pode influenciar positivamente nos aspectos antropométricos, neuromusculares metabólicos e psicológicos, inclusive em deficientes melhorando a saúde e qualidade de vida dos mesmos (GUEDES E GUEDES, 2001).

De acordo com Duarte e Werner (1995) as crianças portadoras de alguma deficiência, em especial o cadeirante, muitas vezes têm sido impossibilitadas de aproveitar tais benefícios, por falta de acesso às estruturas de lazer e esportes na escola, o que os tornam crianças cada vez mais sedentárias e conseqüentemente mais expostas a doenças crônicas.

Diante desse contexto, surge uma área do conhecimento denominada Educação Física Adaptada, nos Cursos de Graduação por meio da resolução nº 03/87 do Conselho Federal de Educação. Esta tem como principal objetivo, incluir pessoas deficientes em um conjunto de esportes e exercício. Assim, a educação física adaptada mostra-se como ferramenta para minimizar a exposição de doenças crônicas em indivíduos cadeirantes, elevando a qualidade de vida e estimulando a integração social (TSUTSUMI, et al. 2004).

Um dos problemas percebidos nessa área, é que muitas vezes ministrar uma aula de educação física adaptada é desafiador e o professor necessita estar capacitado para atuar com esse público. Porém, a educação física inclusiva chegou sem níveis de formação satisfatórios, o que dificulta a intervenção dos professores (NAUJORKS, 2002). Além disso, a literatura apresenta uma limitação de estudos relacionados a educação física adaptada para cadeirantes, obscurecendo o conhecimento de seus reais benefícios e sua aplicabilidade com esse público. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é sintetizar por meio de uma revisão narrativa, a importância das aulas de Educação Física Adaptadas para alunos cadeirantes.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo constituiu-se em uma revisão narrativa, no qual foram utilizados artigos científicos, publicados nas plataformas: SCIELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Google Acadêmico, que faziam referência a importância das aulas de Educação Física Adaptada para cadeirantes, independente do ano de publicação. Foram utilizados descritores em português através da consulta ao DECS, utilizando termos booleanos AND e OR, no seguinte formato: (**Deficiente** or cadeirantes or “crianças portadoras de deficiência” or necessidades educacionais especiais”) and (“**educação física**” or “educação física adaptada” or “esporte adaptado” or “educação física inclusiva” or inclusão).

A seleção dos artigos foi realizada inicialmente como leitura dos títulos e resumos, onde aqueles que abordavam a temática sobre a Educação Física em pessoas com deficiência física/cadeirantes, foram lidos na íntegra para posteriormente serem analisados. Ao final da busca foram incluídos no estudo 14 artigos completos (11 originais e 03 revisões) de acordo com os critérios estabelecidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi identificar a importância das aulas de Educação Física Adaptadas para alunos cadeirantes. Os resultados apresentados no quadro 01, traz informações sobre dados da amostra, análise de diferentes variáveis (inclusão social, benefícios físicos, psicológicos e barreiras encontradas) e resultados dos estudos relacionados ao tema.

Dos 14 estudos utilizados para revisão bibliográfica, observou-se que quatro estudos analisaram a variável inclusão social (NUNES, 2002; CROCHIK, 2011; OLIVEIRA, 2015; AIME, 2014), três estudos apresentam resultados relevantes sobre as barreiras enfrentadas por essa população (FELIPPE, 2012; MIRON, 2014; PALMA, 2010), dois estudos confirmam a importância da prática de esportes nos aspectos sociais e psicológicos (LABRONICI, 2000; TSUTSUMI, 2004), por fim, cinco deles avaliaram os benefícios nos aspectos físicos proporcionados a partir da prática de Atividade Física Adaptada (RODRIGUES, 2016; GORLA, 2007; QUINTANA, 2008; BUENO, 2011; SILVA, 2005). Os dados gerais e principais de todos os estudos, estão descritos no quadro 01.

Quadro 01. Descrição dos resultados observados nos estudos com cadeirantes

Estudos	Amostra/Grupos/Idade	Variáveis dependente	Protocolo de pesquisa	Resultados
Oliveira e Oliveira (2015)	N = 25 Alunos do Ensino Fundamental (sendo um cadeirante) e professores	✓ Inclusão de alunos deficientes no ensino fundamental ✓ Capacidade dos professores	Entrevista semiestruturada	↑ Inclusão social ↓ capacidade de adaptações (professores) ↓ Nível de orientação dos professores
Raull Felipe e João Franco (2012)	N = 5 Professores de Educação Física	✓ Problemas enfrentados pelos professores nas aulas de educação física	Questionários	↓ Nível de formação profissional
Miron e Costa (2014)	N = 29 Escolas municipais de SP	✓ Barreiras das aulas de educação física nas escolas	Análise	↑ Falta de acessibilidade para todas as escolas observadas
Palma e Manta (2010)	N = 3 Professores de séries iniciais (1º ao 4º ano) Idade entre 28-60 anos	✓ Participação do deficiente e a acessibilidade dos espaços de prática	Entrevista semiestruturada	↑ Barreiras atitudinais ↑ Barreiras arquitetônicas
Crochik et al. (2011)	N = 12 6 – tinham experiência de ter em sala alunos deficientes 6 – não tinham a mesma experiência Professoras do 5º ano do Ensino Fundamental de 6	✓ Concepções sobre a educação inclusiva	Entrevista semiestruturada	↑ Favoráveis ao processo de inclusão ↑ Manifestações preconceituosas

escolas da rede municipal de
 Campo Grande – MS
 Idade entre 28-60 anos

Aime (2014)	Instituições escolares públicas regulares	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inclusão de deficientes nas aulas de Educação Física ✓ Acessibilidade de pessoas cadeirantes ✓ Formas de integrar alunos cadeirantes em aulas de Educação Física ✓ Apontar práticas inclusivas para pessoas com deficiência física 	Estudo de caráter bibliográfico	<ul style="list-style-type: none"> ↑ Inclusão social ↑ Aceitação do deficiente na sociedade ↑ Esforços dos professores, alunos e da escola
Nunes et al. (2002)	Deficientes físicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Benefícios e perspectivas da Educação Física e de esportes adaptados 	<p>Revisão Bibliográfica</p> <p>8 artigos publicados entre 2010 e 2017</p> <p>Base de dados: SCIELO, LILACS e PUBMED</p>	<ul style="list-style-type: none"> ↑ Melhora controle postural ↑ Melhora da força ↑ Melhora da concentração ↑ Auto-motivação ↑ Envolvimento físico e motor
Labronicie e colaboradores (2000)	<p>N = 30</p> <p>15 - iniciantes ao Basquetebol</p> <p>15 – iniciantes à natação</p> <p>Deficientes físicos;</p> <p>Homens e Mulheres;</p> <p>Idades: 17-59 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Método de reabilitação ✓ Aspectos físicos ✓ Aspectos Sociais ✓ Aspectos Psicológicos 	<p>Treino Basquete: 3x/semana, 2 horas por treino, participação em 8 campeonatos oficiais</p> <p>Treino Natação: 4x semana, 2horas por treino,</p>	<p>↔ Físico - sem diferença na função motora de ambos os grupos</p> <p>↑ Psicológico – Alto vigor e baixa depressão para os dois grupos</p>

			participações em 11 campeonatos oficiais	↑ Social – trabalho, diálogo, relacionamentos e habilidades
Tsutsumi et al. (2004)	Indivíduos portadores de lesões neurológicas com seqüelas motoras	✓ Benefícios que a natação adaptada pode proporcionar aos indivíduos	Revisão bibliográfica da literatura publicada sobre esportes adaptados e natação adaptada, no período de 1979-2003 Base de dados: LILACS, MEDLINE e EMBASE (inglês e português)	↑ Melhoras na qualidade de vida ↑ Estímulos para praticar o esporte ↑ Melhor integração social ↑ Benefícios ao estado emocional
Silva et al. (2005)	N = 16 Portadores de lesão medular; Idades: 21-41 anos; Homens e mulheres	✓ Abordar benefícios e os efeitos da natação sobre habilidade funcionais dos pacientes com lesão medular	Escala FM (Funcional Independence Measure) 2 aulas semanais de natação com duração de 45 minutos cada 4 meses de seções	↑ Melhoras no desempenho em atividades diárias ↑ Promoção do bem-estar físico e social ↑ Redução de incidência de complicações clínicas
Rodrigues et al. (2016)	N = 20 Indivíduos com lesão medular; 10 – Praticantes 10 - Não praticantes de basquete sobre cadeiras de roda; Idades: 20-55 anos Gênero masculino	✓ Comparar a qualidade de vida entre os indivíduos	Estudo comparativo e descritivo do tipo transversal Questionário de qualidade de vida SF-36 versão brasileira Análise de dados realizada utilizando o programa SPSS 18.0, considerando $p \leq 0,05$.	Escores significativamente superiores dos praticantes em relação aos não praticantes: ↑ Qualidade de vida ↑ Capacidade funcional ↑ Aspectos físicos

Gorla et al. (2007)	<p>N = 22 Indivíduos com lesão medular; Idades: 18-32 anos; Sexo masculino; Praticantes de basquetebol em cadeira de rodas</p>	<p>✓ Determinar o percentual de gordura (% G) de lesados medulares</p>	<p>Estudo do tipo transversal Grupo 1: Lesão Superior Grupo 2: Lesão Inferior Ponto de corte o nível T7 (Sétima vértebra torácica) 11 participantes em cada grupo Técnica antropométrica</p>	<p>↑ G1 apresentaram valores mais altos de % G ↑ Percentual de gordura acima dos níveis normais para ambos os grupos ↑ Evidências de alta demanda energética, minimizando o acúmulo de gordura</p>
Quintana e Neiva (2008)	<p>N = 27 15 Jogadores de basquetebol cadeirantes (JBC) 12 não jogadores de basquetebol cadeirantes (NJBC) 14 - apresentam Paraplegia (T2-L1) 5 amputados e 8 com seqüelas de poliomelite Sexo masculino</p>	<p>✓ Comparar a influência do exercício físico sobre a condição de saúde dos deficientes: - Glicemia - Perfil Lipidêmico - % de gordura</p>	<p>Ambos os grupos foram avaliados nos seguintes testes: • Variável hemodinâmica (pressão arterial) • Bioquímica sanguínea (amostra sanguínea) • Técnica antropométrica</p>	<p>JBC: ↓ Circunferência de cintura ↓ Glicemia sanguínea ↓ Perfil lipidêmico NJBC: ↑ Pressão arterial sistólica ↑ Bioquímica sanguínea ↑ Alta prevalência para fatores de risco da síndrome metabólica ↑ % de gordura central</p>
Bueno e Dechechi (2011)	<p>N = 6 Deficientes físicos;</p>		<p>Medidas antropométricas</p>	<p>↑ Habilidades funcionais ↑ Melhoras na agilidade</p>

Idades: 26 -51 anos;
Ambos os sexos;
Associação de
Assistência ao
Deficiente Físico
(AADF) Ourinhos –
São Paulo

Efeito de 12 aulas
de handebol de
cadeira de rodas
sobre:
✓ agilidade
✓ força de pressão
manual

Teste de agilidade sobre
cadeira de rodas

Teste de força de preensão
manual através de um
dinamômetro de mão

Metodologia de ensino
global

Atividades iniciadas no dia
09/03/10 até 1º/06/10
12 seções de atividades

1 aula semanal com 1 hora
de atividade

↑ Escores motores

INCLUSÃO SOCIAL E BARREIRAS ENFRENTADAS PELOS DEFICIENTES

Conforme apresentado nos resultados (quadro 1), observa-se que dos 04 estudos que analisaram a variável inclusão social, o primeiro deles, analisou os aspectos de inclusão nas aulas de educação física e por meio de esportes adaptados (NUNES et al., 2002). Em seus resultados, mostrou-se que o número de praticantes cresce a cada dia pelo fato dos deficientes estarem deixando de lado o preconceito, sendo incluídos nessa área e passando a utilizar a prática esportiva como ferramenta de lazer, competições e fisioterápicos (NUNES et al., 2002). Os autores afirmam ainda que os cadeirantes apresentam melhorias em seus aspectos físico-motor e psicológico, contribuindo assim, para melhorias em sua qualidade de vida.

Ao analisar os aspectos da inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física, Gomes (2013), em sua conclusão mostra que a Educação Física tem sido uma importante ferramenta, proporcionando aos deficientes a inclusão através das aulas adaptadas. Apesar disso, a autora apresenta que é necessário que a sociedade em geral acolha essas pessoas e que principalmente os mesmos sejam vistos além de suas limitações, como cidadãos normais. Por outro lado, o sistema de inclusão na escola parece ter suas limitações, dentre elas, é possível destacar a falta de capacidade dos professores em trabalhar com esse público.

Crochik et al. (2011) analisaram o comportamento de 12 professores, do 5º ano do ensino fundamental sobre a educação inclusiva. Por meio de uma entrevista, os autores identificaram que diferentes concepções sobre a educação inclusiva estiveram presentes. Apesar de serem favoráveis a este processo (inclusão social), alguns demonstraram manifestações de atitudes preconceituosas, veladas ou explícitas. Embora o processo inclusivo esteja em andamento, a injustiça ainda está ocorrendo, no que se diz respeito ao preconceito e ao ato de não respeitarem as diferenças existentes entre os indivíduos.

Apesar da Educação Física se apresentar como estratégia de inclusão, os desafios são grandes, começando inclusive pela elaboração das aulas. Fato esse, citado por Oliveira e Oliveira (2015) no qual seu estudo teve como objetivo identificar como vem ocorrendo o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais do ensino fundamental na rede regular de ensino, do distrito de Castelo de Sonhos-PA. Por meio da observação dos participantes e de entrevista semiestruturada realizada com alunos e com a professora, os resultados apresentam que as dificuldades já iniciam durante o planejamento e aplicação das aulas, onde o professor muitas vezes se sente incapacitado para adaptar a aula e garantir a inclusão. Outro fato é o da escolar não receber orientações adequadas para que o processo de inclusão realmente seja executado.

Por outro lado, apesar das dificuldades encontradas por esses deficientes no seu cotidiano, AIME (2014), através de uma pesquisa em instituições escolares públicas regulares, identificou que atualmente o deficiente vem sendo mais aceito na sociedade do que antigamente, tal acontecimento se dá pelo fato dos professores de Educação Física estarem buscando o aperfeiçoamento como profissional, gerando assim, iniciativas para que tais deficientes sejam incluídos nas aulas do ensino regular, contudo, o professor ainda necessita do auxílio oferecido pela escola.

Santana (2005) diz que a inclusão de crianças deficientes nas aulas de Educação Física escolar apesar de ter seus pontos positivos ainda é uma barreira a ser vencida na sociedade, tal conceito se dá pelo fato da educação inclusiva apresentar aspectos como compartilhar o mesmo ambiente, integração social, adaptações no ensino, entre outros.

Mediante a análise do quadro 1, observa-se que 3 estudos analisados apresentam resultados relevantes sobre as barreiras enfrentadas pelos deficientes (FELIPPE, 2012; MIRON, 2014; PALMA, 2010). Os primeiros ao analisarem os problemas enfrentados pelos estudantes deficientes, houve a conclusão de que tal problema se dá pela falta de capacitação por parte dos professores, resultante de suas más formações educacionais na qual não tiveram

acesso às disciplinas referentes à Educação Física Adaptada ou à inclusão. Tendo em vista tal ponto negativo, faz necessária a busca pela qualificação destes professores para suprir a exclusão dos deficientes nas aulas de Educação Física, visto que a mesma é de extrema importância para esses alunos (FELIPPE, 2012).

Quanto a outro problema existente, problema esse relacionado à situação de 29 escolas municipais de uma cidade de SP, Miron e Costa (2014) descrevem a situação das barreiras encontradas em tais escolas, no qual através de um protocolo de observação, foi constatado que nenhuma das 29 escolas visitadas atende aos critérios exigidos para que a escola realmente seja um espaço de tratamento igualitário, e que assim colabore no processo de inclusão social.

Contudo, Palma e Manta (2010) analisaram a compreensão dos professores de Educação Física de séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 4º ano ou série) sobre a participação do aluno com deficiência em aulas de Educação Física, além da acessibilidade dos espaços de prática. Em seus resultados, os autores observaram que os espaços da prática de Educação Física não possuíam acesso, nem a acessibilidade que garantissem a segurança e autonomia dos alunos com deficiência física. Outro ponto destacado foi em relação as barreiras atitudinais que estes deficientes enfrentam no cotidiano da escola, fato esse que deve ser instigante para que a inclusão dos alunos ocorra de forma participativa. Corroborando com as afirmações acima citadas, Duarte e Werner (1995) diz que os deficientes que são impossibilitados de participarem de atividades regulares devido à falta de acesso às estruturas de lazer e de esporte, estão mais propensos a se tornarem indivíduos sedentários e assim, expostos a doenças crônicas.

Em síntese, é possível perceber tamanha dificuldade encontradas por estes deficientes, tendo em vista à necessidade por uma qualidade de vida, surge a LBI (Lei Brasileira de Inclusão), lei nº 13.146/2015, que estabelece e promove as condições de igualdade e liberdade para pessoas com deficiência. Visando sua cidadania e inclusão social, o deficiente obtém o direito a ter um atendimento especializado na rede educacional, fazendo com que os mesmos sejam inclusos nas aulas.

Diante dos fatos, apesar de toda dificuldade enfrentada pelos deficientes, devemos destacar tamanha importância da prática de atividade física na vida desse público, proporcionando-lhes a inclusão no âmbito escolar e esportivo, além de benefícios na qualidade de vida, benefícios estes, que abordaremos melhor nos próximos tópicos.

BENEFÍCIOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS

Duarte e Werner (1995) afirmam que o desporto adaptado é um meio de grande importância na reabilitação psicológica, social e física para pessoas deficientes, que consiste em atividade com adaptações possibilitando a inclusão de deficientes em diversas modalidades esportivas. Diante desse contexto as aulas de educação física que utilizam o esporte com conteúdo têm se apresentado como estratégia de reabilitação e inclusão desses deficientes. Obtivemos em nossa análise variadas do Quadro 1, 2 estudos que confirmam a importância da prática de esportes para os respectivos benefícios (LABRONICI, 2000; TSUTSUMI, 2004).

O estudo desenvolvido por Labronici e colaboradores (2000) avaliou os esportes basquete e natação como método de reabilitação e respostas aos aspectos físicos, sociais e psicológicos em deficientes. Em sua análise, 30 deficientes foram avaliados antes da prática esportiva e após dois anos envolvidos com o esporte. Em seus resultados, observaram que a prática esportiva foi capaz de promover mudanças no aspecto social, como melhora no trabalho, na socialização, em atividades de lazer e atividades diárias. Quanto aos aspectos motivacionais, observaram que os praticantes de esporte demonstravam um sentimento vitorioso e uma vontade de melhorar seu mundo, no qual podiam provar a toda sociedade o quão são capazes de superarem barreiras impostas no seu dia-a-dia, permitindo-lhes melhor identidade na

sociedade, além de um alto vigor e baixa depressão. Entretanto, nos aspectos físicos, não houve mudança na função motora.

Corroborando com os resultados do estudo supracitado, Tsutsumi et al. (2004) apresentou que a prática da natação também foi capaz de melhorar a qualidade de vida de indivíduos portadores de lesões neurológicas com sequelas motoras, mantendo-os estimulados a praticar o esporte, e promovendo melhor integração social e conseqüentemente trazendo benefícios no seu estado emocional e na qualidade de vida, prevenindo sua saúde contra complicações futuras.

Além dos conteúdos esportivos, a aula de Educação Física pode promover por meio de atividades lúdicas como jogos e brincadeiras, um desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (MURCIA, 2005) que contribuirá para uma autoafirmação e valorização pessoal de pessoas com deficiência. Portanto, por meio das aulas de Educação Física Adaptada, o deficiente obtém diversos benefícios, seja no campo afetivo, social, físico ou de lazer que os tornam mais capacitados para enfrentar as dificuldades encontradas no cotidiano.

BENEFÍCIOS SOBRE ASPECTOS FÍSICOS

Diante dos estudos revisados, cinco deles avaliaram os benefícios no aspecto físicos proporcionados a partir da prática de Atividade Física Adaptada (RODRIGUES, 2016; GORLA, 2007; QUINTANA, 2008; BUENO, 2011; SILVA, 2005). Rodrigues e Colaboradores (2016), realizaram uma comparação entre a qualidade de vida de indivíduos com lesão medular praticantes e não praticantes de basquetebol sobre cadeira de rodas. Participaram do estudo 20 cadeirantes do sexo masculino portadores de lesão medular, sendo 10 praticantes de basquetebol e 10 não praticantes. Os indivíduos praticantes do esporte, apresentaram escores superiores em relação a capacidade funcional, aspectos físicos e vitalidade da qualidade de vida quando comparados ao grupo de não praticantes. Os autores concluem em seu estudo afirmando que o basquetebol em cadeira de rodas é uma estratégia terapêutica capaz de influenciar a qualidade de vida de seus praticantes.

É comum que indivíduos cadeirantes se tornem sedentários, conseqüentemente mais expostos a doenças crônicas como: hipertensão, diabetes e obesidade. Gorla et al. (2007) analisou 22 indivíduos do sexo masculino com lesão medular, dividindo-os em dois grupos: o primeiro grupo contendo 11 indivíduos com lesão abaixo do nível T-7 (sétima vértebra torácica) e o segundo grupo composto também por 11 indivíduos, com lesão acima do nível T-7, tratado de limite superior (L sup). Através da técnica antropométrica, revelou-se que os cadeirantes apresentaram o percentual de gordura acima dos níveis normais estabelecidos para a faixa etária daquele determinado grupo. Porém os sujeitos do primeiro grupo apresentaram maior índice percentual de gordura em relação aos componentes do segundo grupo. Portanto, a prática de esportes nas aulas de Educação Física pode também aumentar as demandas energéticas favorecendo um maior controle do peso corporal, fato que foi observado por Quintana e Neiva (2008).

Os autores mostraram que a prática do basquete sobre cadeira de rodas promoveu um decréscimo na prevalência de fatores de riscos para a síndrome metabólica e controle do peso corporal em cadeirantes com paraplegia, amputações de membros inferiores e sequelas da poliomielite. Tal estudo foi realizado com 27 deficientes do sexo masculino, sendo 14 lesados medulares (T2-L1), 5 amputados e 8 com sequelas de poliomielite. Foram estabelecidos dois grupos, um sendo formado por 15 jogadores de basquetebol cadeirante (JBC) com prática superior a 12 meses com frequência semanal de 2 a 3x vezes por semana e tempo de exercício de 2 horas por treino, e outro grupo formado por 12 de indivíduos não jogadores de basquetebol (NJBC). O estudo resultou em maiores benefícios ao grupo JBC: menores circunferências de cintura, menor nível de deposição de gordura, e menores evidências de glicemia sanguínea,

apenas não foi observado diferenças significativas da pressão arterial diastólica entre indivíduos de ambos os grupos.

Quanto a análise de componentes de aptidão física como agilidade e força, Bueno e Dechechi (2011) fizeram uma análise na Associação de Assistência ao Deficiente Físico (AADF). O estudo se deu através de um acompanhamento em 12 aulas de exercícios de Handebol em cadeira de rodas. O objetivo principal era analisar a agilidade e força de pressão manual dos praticantes da modalidade. Em conclusão, as aulas de handebol de cadeira de rodas promoveram uma melhora nos escores motores, destacando a agilidade em cadeira de rodas, habilidade importante para o seu dia-a-dia. Além desses achados, Silva et al. (2005) em seu estudo, selecionou 16 portadores de lesão medular, atendidos no programa de reabilitação do Hospital Sarah-Brasília e através da mensuração da Escala FM em dois momentos: no pré-teste e no pós-teste, seu estudo mostrou que 4 meses de natação com 2 sessões semanais promoveu melhorias das habilidades funcionais e ganhos em escores motores de pacientes com lesão medular.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, observa-se a importância das aulas de Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência, em especial o cadeirante, pois a mesma apresenta-se como opção para uma nova perspectiva de vida, proporcionando aos praticantes, melhorias na qualidade de vida, mudanças fisiológicas, inclusão social, entre outros benefícios. Contudo, a limitação de estudos relacionados ao tema, torna mais difícil a elaboração de um direcionamento mais aprofundado sobre a Educação Física inclusiva para esse público. Sugere-se que novos estudos sejam realizados para enriquecer a discussão, possibilitando que novas práticas sejam realizadas com essa população.

REFERÊNCIAS

ADAMS, M. BELL, LA. GRIFFIN, P. **Teaching for diversity and social justice: A Sourcebook**. New York: Routledge. 2007.

AIME, M. R. et al. **Portadores de deficiência física nas aulas de Educação Física**. In: 12º ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 14,15,16 de outubro, 2014. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/5595337bdd9e4.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em 20 julho de 2018.

BRASIL. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987**. Disponível em: http://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf Acesso em 27 de julho de 2018;

BUENO, M. J. O.; DECHECHI, C. J. Análise dos efeitos de um programa de exercícios de handebol de cadeira de rodas em cadeirantes do município de Ourinhos-SP participantes do projeto de extensão Universitária handebol de cadeira de rodas. **Hórus**. V. 6, n. 1, p. 189-197, 2011.

CROCHIK, J.L. et al. Análise de atitudes de professores do ensino fundamental no que se refere à educação inclusiva. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37. n.3, p. 565-582, set./dez. 2011.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: UGF, v. 3, 1995.

FELIPPE, R. A. B; FRANCO J.L. Educação física adaptada e inclusão: Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência. **Corpo Movimento e Saúde**. v. 2, 2012.

GOMES, T. S. **Educação Física como forma de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais**. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Curso de Licenciatura em Educação Física. Brasília-DF, jun. 2013.

GORLA, J.I. et al. A Composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**. Umuarama, v. 11, n. 1, p. 39-44, jan/abr. 2007.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Esforços físicos nos programas de educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.1, 2001.

GUISELINI, M. **Qualidade de vida: um programa prático para um corpo saudável**. São Paulo: Gente, 1996.

LABRONICI R. H. D. D., et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v.58, n.4, p. 1092-1099, 2000.

MATSUDO, V.K.R.; MATSUDO, S.M.M. Atividade física no tratamento da obesidade. **Einstein**, São Paulo, p. 30-42, 2006.

MIRON, EDISON MARTINS; COSTA, M. P. R. Barreiras físicas e o acesso às aulas de Educação Física. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 377-394, jan./mar, 2014.

MURCIA, Juan Antonio Moreno (Org.). **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NAUJORKS, M.I. **Stress e inclusão: indicadores de stress em professores frente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5125/3105>> Acesso em: 04 de outubro de 2018.

NUNES, I. et al. Uma revisão bibliográfica sobre esporte adaptado: benefícios/inclusão para deficientes físicos. **Realize**, Campina Grande, 2002. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV108_MD1_SA10_ID2668_22052018000157.pdf> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, V, Z, S.; OLIVEIRA, V. S. A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino fundamental na rede regular de ensino no distrito de Castelo de Sonhos/PA. **Nativa**, v.4, n. 1, Pará, 2015. Disponível em: <<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/199/pdf>> Acesso em 24 de outubro de 2018.

PALMA L.E.; MANTA S.W. Alunos com deficiência física: a compreensão dos professores de Educação Física sobre a acessibilidade nos espaços de prática para as aulas. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 303-314, mai/agos. 2010.

QUINTANA, RAFAEL; NEIVA, C. M. Fatores de risco para síndrome metabólica em cadeirantes – jogadores de basquetebol e não praticantes. **BrasMed Esporte**, v. 14, n. 3, mai/jun, 2008.

RODRIGUES, F.R. et al. Qualidade de vida de indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Ceumas perspectivas**, v. 27, n.1, 2016. Disponível em: <<http://www.ceuma.br/portalderevistas/index.php/RCCP/article/view/44/43>> Acesso em 19 de outubro de 2018.

SANTANA, I. M. Educação Física inclusiva: Concepções de professores e diretores. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p.227-234, mai/agos. 2005.

SILVA, M. C. R. et al. Efeitos da natação sobre a independência funcional de pacientes com lesão medular. **BrasMed Esporte**, v. 11, n. 4, jul/agos, 2005.

TSUTSUMI, O. et al. Os Benefícios da Natação Adaptada em Indivíduos com Lesão Neurológica. **Neurociências**. vol.12 n° 2, p.82-86, 2004.SANT'ANA, I. M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai/ago, 2004.